

COM QUE LINGUAGEM EU VOU?

WITH LANGUAGE THAT I GO?

Ana Kelly Borba da Silva BRUSTOLIN¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo proporcionar uma reflexão acerca do papel do professor de língua portuguesa na sala de aula. Hoje em dia, a realidade da sala de aula, como se sabe, nem sempre é uma “maravilha”, principalmente, quando se está diante de algumas turmas cuja realidade é, em geral, cruel e dura. Há vários fatores que contribuem para essa situação real no ensino: crianças convivendo com tiroteios, brigas, falta de condições financeiras e outros, diante de um mundo no qual o consumismo e a “aparência” sobressaem-se (sem contar na carência, muitas vezes, de infraestrutura de muitas escolas). Pretende-se, trazer nesta discussão, questões como: (i) que língua é ensinada nas salas de aula e que língua ensinar? e (ii) que estratégias podem ser adotadas de modo a valorizar a diversidade lingüística trazida pelos alunos? Para tanto, a exposição estará pautada, em especial, nas idéias de Antunes (2007; 2009), Bortoni-Ricardo (2006), Görski; Coelho (2006), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de LP, estratégias de ensino, papel do professor.

ABSTRACT: *This article aims to provide a reflection on the role of the teacher of portuguese in the classroom. Today, the reality of the classroom, as we know, is not always a "wonderful", especially when it is facing some classes whose reality is, in general, cruel and harsh. There are several factors that contribute to this situation in education: children living with shootings, fights, lack of financial and other conditions, before a world in which consumerism and "appearance" is out (not counting the grace often of infrastructure in many schools). It is intended to bring this discussion, issues such as: (i) that language is taught in classrooms and to teach language? and (ii) what strategies can be adopted to enhance the linguistic diversity brought by students. For this, the exhibition will be based in particular on the ideas of Antunes (2007, 2009), Bortoni-Ricardo (2006), Görski; Coelho (2006), and others.*

KEYWORDS: *teaching of LP, the teaching strategies, role of teacher.*

1. Introdução

Com que linguagem eu vou? É o que muitas pessoas se perguntam quando precisam se monitorar no atual mercado de trabalho. Assim como quando escolhemos uma roupa, uma jóia, devemos também escolher uma “norma” para nos comunicarmos com outras pessoas nas diversas situações que aparecerem no cotidiano.

¹ Licenciada em Letras – Língua e Literatura Portuguesas (UFSC/2005) e Mestre em Sociolingüística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/2009). Atualmente, professora efetiva de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, tutora EAD/UFSC e revisora de texto.
Endereço eletrônico: anakellyborba@gmail.com.

Ao debater diversas questões com meus alunos do ensino médio e técnico percebi a preocupação deles com a norma culta da língua e a relação da língua portuguesa com o mercado de trabalho constituído. Assim, decidi realizar uma breve reflexão e escrever sobre este assunto a partir dos itens a seguir: (i) discussão sobre as várias normas usadas nas diversas situações cotidianas, (ii) os novos desafios a serem enfrentados na sala de aula e outros. Entretanto, resolvi focar a abordagem, principalmente, com base na seguinte pergunta: Qual a importância da norma culta² no mercado de trabalho atualmente?

2. Breves reflexões

Com certeza, toda forma de linguagem se faz essencial na vida em sociedade, todavia nas salas de aula é fundamental pensarmos a linguagem como mediadora no processo de interação entre professor e aluno e entre os próprios alunos. Penso ser crucial uma rápida explanação a partir daí.

Durante o período escolar da educação básica é muito importante que os professores trabalhem com as várias normas na sala de aula, tanto na oralidade quanto na escrita. É imprescindível que se elimine qualquer tipo de preconceito em relação à fala dos discentes e que se faça uma reflexão em torno dessas diferenças que realmente existem e se fazem marcantes na sala de aula. Contudo, além de trabalhar a variação lingüística nas aulas de português é importante, igualmente, que o professor apresente a norma culta aos alunos, para que estes passem a conhecê-la, praticá-la e, por fim, dominá-la. Afinal, é na escola que os alunos têm o contato mais direto com esta norma desde cedo.

Porém, infelizmente, na sala de aula, muitas vezes, persistem atividades didáticas desvinculadas do uso real da língua e governadas pelas idéias de “certo” e de “errado”. Entretanto, trabalhar com ensino de Língua Portuguesa vai muito além dessa noção de “certo” e “errado...” A maneira como se ensina “português” nas escolas é, muitas vezes, ineficaz, porque a

² Em uma alusão ao termo tratado por Faraco, de agora em diante utilizarei este termo norma culta para referir-me à norma lingüística praticada, em certas situações (aquelas que envolvem determinado grau de formalidade), pelos grupos sociais que estão mais diretamente ligados à cultura escrita, especialmente por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social. (FARACO, C. A., In: BAGNO, M., 2002)

“Gramática da Língua Portuguesa” é posta totalmente afastada do sistema em uso da língua, sendo ensinada separadamente. Temos ciência, no entanto, de que a língua é uma atividade social, por meio da qual costumamos veicular informações e externar nossas emoções, caracterizando-se por ser:

um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. Uma gramática que assim entenda a língua (como é o caso da gramática funcional) procura os pontos de contacto entre as estruturas identificadas pelo modelo anterior e as situações sociais em que elas emergem, contextualizando a língua no meio social” (CASTILHO, 2000, p. 11)

Nas sociedades estratificadas como a nossa, como já nos mostrou Faraco (2002), há diversas normas, como a norma lingüística dos pescadores, a norma das comunidades rurais, a norma dos moradores do morro, a norma dos grupos juvenis urbanos, a norma da classe média, entre outras. Afirimo que a língua é um sistema heterogêneo e variável e se afirmo é porque concebo a existência de diferentes normas (ou usos). Norma, então, diz respeito à língua em funcionamento nas mais variadas situações comunicativas. Em um bar com os amigos, por exemplo, usa-se um estilo mais coloquial: “Me dá uma cerveja”, já em uma palestra valemo-nos, de modo geral, de um estilo mais formal: “Apresentar-se-á neste trabalho”, ou menos formal ainda, “Este trabalho consiste em...”.

De acordo com Scherre (2005, p. 43), em nome da *boa língua* pratica-se a injustiça social, muitas vezes humilhando o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos. Conforme Monteiro (2000, p. 65) um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem. Assim sendo, cabe ao docente discutir com seus alunos sobre as diversas variedades, fazendo-os ouvir e compreender as diversas variedades lingüísticas da sua língua materna, abandonando, assim, os preconceitos lingüísticos manifestados em sala de aula. O educador precisa assumir a sua posição e mediar este *choque*, viabilizando, ao mesmo tempo, o contato com a escrita, de modo a possibilitar o domínio dos discentes com esta em diversas ocasiões, ampliando não apenas a aprendizagem dos conteúdos escolares, mas a utilização dessas ferramentas para uma efetiva participação no contexto social.

Mais do que ensinar de forma rígida a gramática normativa, confunde-se gramática normativa com língua. Esquece-se que uma gramática normativa é normalmente a codificação de uma norma-padrão escrita com base em textos de escritores consagrados, acompanhada do registro de alguns aspectos lingüísticos das variedades de prestígio – as

variedades associadas à fala da elite urbana dominante; que gozam de aceitação social. A língua real – sistema transmitido de geração em geração em circunstâncias naturais – é de riqueza e de complexidade ímpares, que ainda não se deixou descrever nem explicar, na sua totalidade, pelos lingüistas mais brilhantes. E esta mesma língua se rende à mente das crianças na mais tenra idade, que a dominam de forma invejável, sem qualquer ensino formal. (SCHERRE, 2005, p. 42-43)

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), ao chegar à escola, a criança, o jovem, ou o adulto já são usuários competentes de sua língua materna, porém precisam aumentar a gama de seus recursos comunicativos para serem capazes de atender às convenções sociais, que determinam o uso lingüístico adequado a cada gênero textual, tarefa comunicativa e a cada tipo de interação. “Os usos da língua são práticas sociais e muitas delas são extremamente especializadas, isto é, exigem vocabulário específico e formações sintáticas que estão abonadas nas gramáticas normativas”. (BORTONI-RICARDO, p.75).

Desse modo, dependendo do domínio social que está em vigor, o usuário da língua valer-se-á de um grau de variação maior ou menor, já que

os falantes alternam estilos monitorados, que exigem muita atenção e planejamento, e estilos não-monitorados, realizados com um mínimo de atenção à forma da língua. Nós nos engajamos em estilos monitorados quando a situação assim exige, seja porque nosso interlocutor é poderoso ou tem ascendência sobre nós, seja porque precisamos causar uma boa impressão ou ainda porque o assunto requer um tratamento muito cerimonioso. De modo geral, os fatores que nos levam a monitorar o estilo são: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62-63)

Geraldi (1984), ancorado nos estudos das concepções de linguagem de Bakhtin e seu círculo, propõe o ensino da língua baseado em uma concepção sócio-interacionista da linguagem, ou seja, ela é um lugar de constituição de relações sociais, assim, a linguagem é social.

Tomando a linguagem como forma de interação verbal, Geraldi (1984) vê a sala de aula como lugar dessa interação verbal, um lugar de diálogo e troca de saberes. Assim, discurso e texto passam a ser os objetos de ensino e o objetivo passa a ser o de conhecimento dos mecanismos da língua e não mais o domínio de uma metalinguagem de análise. No plano da linguagem, o ensino dos vários gêneros textuais que circulam entre nós socialmente não apenas aumenta a competência lingüística e discursiva dos discentes, como igualmente mostra-lhes que fazendo uso da linguagem eles podem participar ativamente da vida social, como verdadeiros cidadãos.

A sala de aula é um ambiente propício para depararmos com uma grande variação no uso da língua, tanto na relação entre colegas quanto na relação de poder entre professor e aluno. É notável que tanto discentes quanto docentes desempenhem papéis sociais díspares, estes se valem, normalmente, de um monitoramento maior na sua linguagem em relação àqueles no evento de sala de aula. Podemos encontrar maior ou menor grau de monitoramento dentre eventos mediados pela língua escrita e oral; dentre eventos de sala de aula e eventos de corredores, dentre eventos de reuniões pedagógicas e eventos de conversas na sala dos professores, e assim por diante. Logo, a variação está relacionada aos diversos papéis praticados por cada um dos participantes na vivência em sociedade.

Essa vivência em sociedade atualmente exige cada vez mais do profissional e por isso é muito importante que os profissionais, em geral, dominem as diversas normas e, dentre elas, a norma de maior prestígio social: a norma culta. A valorização da norma culta está cada vez mais presente nos dias de hoje³. Os profissionais de todas as áreas buscam um aperfeiçoamento da língua para as situações mais formais, tanto na escrita quanto na fala.

A disciplina “Redação Oficial”, por exemplo, ganha muito espaço no cenário contemporâneo em várias faculdades, como: administração, secretariado, biblioteconomia, e outras, além de ganhar espaço também nas empresas que visam capacitar seus funcionários e investem em especializações e qualificações destes no que diz respeito a este domínio específico de produção de texto pertencente à língua portuguesa – compreende-se que dominar a língua é saber que ferramenta utilizar em cada situação, seja ela formal ou informal, de escrita ou de fala.

O revisor de texto, igualmente, vem se firmando no mercado de trabalho. E quem de nós não quer ver o nosso texto bem revisado? Esta profissão vem ganhando destaque e *status*, tendo até mesmo já sido aberto o cargo específico de “revisor de textos” em alguns concursos públicos.

O que constato como professora de língua é que muitos alunos não dominam a norma culta da língua, mesmo quando se encontram no estágio final do ensino médio. Como explicar que não aprenderam esta norma específica ao longo dos anos de educação básica? Falha dos professores, da educação como um todo (do sistema?), do entorno de letramento e outros... Muitas são as explicações possíveis. Entretanto, nós, professores de língua, em especial, temos

³ Este fato é evidente e o porquê disso precisaria ser investigado pelos pesquisadores.

essa obrigação de levar o conhecimento das diversas normas aos alunos, bem como o da norma culta a fim de que possam dominá-las em todas as situações. Mas como obter êxito?

Uma alternativa boa talvez seja manter uma postura mais formal durante determinadas explicações em sala de aula, ou trabalhar com gêneros orais e escritos que contenham essa norma (e outras também), pois uma vez que queremos que os alunos se apropriem dessa norma específica, devemos “colocá-la em prática” para que eles convivam com essa situação. Essa postura não significa que o docente tenha que ser autoritário diante de seus alunos, mas sim, um profissional que utiliza as várias normas nas várias situações e, em situação formal de dada explicação em sala de aula, sabe mostrar o seu domínio com a utilização dessa ferramenta: a norma culta.

3. Considerações finais

Haverá muito o que mudar, antes que o ensino de Português possa ser o que deve – um processo no qual o professor e os alunos entre si, se enriquecem reciprocamente compartilhando sua experiência vivida de língua (...). mas a mudança virá daqueles que vivem o ensino, não daqueles que especulam sobre ele. De dentro. ILARI (1992, p. 45)

Deste modo, finalizo com o seguinte questionamento: qual o papel da disciplina de Língua Portuguesa?

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio “(...) o papel da disciplina Língua Portuguesa é o de possibilitar, por procedimentos sistemáticos, o desenvolvimento das ações de produção de linguagem em diferentes situações de interação.” (2006, p. 27)

Uma situação de contexto de sala de aula e uma vivência escolar devem garantir condições de desenvolvimento da competência lingüística dos discentes, bem como, servir como um ambiente privilegiado de desenvolvimento da capacidade intelectual e lingüística deles. Esse fato se constitui na habilidade de manipular textos escritos diversos e adequar-se, igualmente, ao registro oral nas situações sociais de interação.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português; encontro & interação**. São Paulo, Parábola, 2003.

- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo, Parábola, 2007.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística.** São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos (org.). **Lingüística da norma.** São Paulo: Loyola, 2004.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico.** São Paulo: edições Loyola, 1999.
- BORTONI-RICARDO, STELLA Maris. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, STELLA Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolingüística e educação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** 2^a. ed. São Paulo, Unicamp, 2004. v. 1. 122 p.
- Brasil. **LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** LEI nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em 13 novembro de 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:** Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais - língua portuguesa: ensino de primeira à quarta série.** Brasília : MEC/SEF, 1997. 144p.
- BRASIL. **Orientações Curriculares Para O Ensino Médio.** Ciências Humanas e suas tecnologias. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2006.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical.** Campinas: Mercado Aberto, 1997.

- BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. (resumo) Ensino Médio ou Médio Ensino? Meio de divulgação: <http://www.ufrgs.br/ppgletras/celsul/index.htm>. In: **VIII Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul – CELSUL**. Inst.promotora/financiadora: UFRGS. Porto Alegre, out. 2008.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2000.
- ESTADO DE SANTA CATARINA. Língua Portuguesa. In: **Proposta Curricular de Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria de Estado de Educação, 1998.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **Lingüística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002.
- GERALDI, J. W. (org.) **O texto na sala de aula**. 2^a ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GORSKI, Edair Maria. & COELHO, Izete Lehmkuhl. (orgs.). **Sociolingüística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.
- ILARI, Rodolfo. **Lingüística românica**. São Paulo: Ática, 1992. p. 45.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 8^a ed., 2001.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Contradições no ensino do português: a língua que se fala X a língua que se ensina**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: ALB. Mercado de Letras, 1996.
- SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- SOARES, Magda. **Que professor de português queremos formar?** Boletim da ABRALIN. V. 25. Fortaleza, 2000, p. 211-218.